

O Morro do Centenário:  
Palco Histórico e Artístico no dia 21 de abril de 2021

Por Iassana Rodrigues Soares



Fotografia: Renata Soares

No dia 21 de abril do ano de 2021, o Morro do Centenário na cidade de Planaltina -DF, foi palco de mais uma valiosíssima ação em Educação Patrimonial promovida pelo Ecomuseu Pedra Fundamental, em homenagem aos 61 anos da inauguração de Brasília.

O cenário histórico da Pedra Fundamental, primeiro monumento construído no Quadrilátero Cruzeiro, reuniu artistas, pesquisadores, moradores, conselhos, e amantes do Patrimônio Natural e Cultural para homenagear os pioneiros da capital que foram força braçal na materialização do que Juscelino Kubistchek denominou “A Capital da Esperança”.

O Evento, em formato LIVE e transmissão via rede social Facebook, foi coordenado pelos professores cerratenses Robson Eleutério e Iassana Rodrigues.

Num espaço destinado a uma boa roda de conversa informal, o momento central valoriza a narrativa de um casal de pioneiros, Antenor Gomes Soares e sua esposa Maria da Conceição Macêdo Soares. Em suas memórias, o casal compartilha a saga do nordestino que

chegava até a Cidade Livre, passava pela Vila Amaury, a cidade de Sobradinho até a chegada e o acolhimento definitivo em Planaltina-DF.

A atmosfera cultural, contou com a apresentação de artistas regionais que foram forjados em suas identidades culturais pelo encontro cultural inescapável da diversidade cultural. Essa diversidade nascida pela chegada de vários brasileiros e não brasileiros na região central do país.

Ao que tudo indica, a tarde do dia 21 de abril do ano de 2021, marca em definitivo, a Pedra Fundamental como território de cultura, história e paisagem.

Conforme o historiador Robson Eleutério, cofundador do Ecomuseu Pedra Fundamental, o espaço da Pedra é o cenário propício para organizar eventos que afirmem e valorizem a identidade cultural dos pioneiros que aqui chegaram nos anos 50 via chamado de Juscelino Kubistchek para construir a chamada Capital Federal, pois ela, a Pedra, simboliza não apenas a História, mas uma paisagem territorializada por identidades e cultura. O renomado historiador, afirma que “A Pedra Fundamental, sem sombra de dúvida, é símbolo da virada histórica progressista dentro da narrativa da História do Brasil nos anos 50”.



Fotografia: Renata Soares

Entre os que transitaram o momento e brilharam o momento histórico cultural, temos a presença de Otaviano Guimarães, neto de Geovânio dos fundadores da Jazz Band Planaltinense formada nos anos 40 do século XX. Otaviano Guimarães, é a memória viva cultural de um território que pulsa em centenária tradição musical que possui nas identidades culturais a continuidade da identidade via gerações familiares.

Com sua pulsante e grave voz, a Gerente Cultural de Sobradinho, Rosemaria Alves, executou com maestria o Hino Nacional e outras canções regionais, tão simbólicas para

Brasília. A música “Peixe Vivo” do folclore mineiro foi lembrada em seu repertório. Cabe ressaltar que essa música acompanhou momentos alegres e difíceis da vida pública do ex-presidente, Juscelino, e hoje é quase um hino da sua cidade natal, Diamantina/MG.

A professora Maria Matias, orgulho daforça docente de Planaltina de Goiás, marcou belíssima presença ao declamar a poesia de Nicolas Behr.

*Depois da passagem da Missão Cruls pela região que futuramente seria o futuro Distrito Federal o grande acontecimento foi à inauguração da Pedra Fundamental.*

*E que acontecimento! Imagine: homens de terno e gravata, autoridades, fotógrafos, jornalistas, mulheres de longo e sombrinhas, todos caprichando no seu melhor visual. Os trajes como uma forma de distinção social numa sociedade ainda tão estratificada e rígida. Imagine o burburinho, o corre-corre.*

*Sete de setembro de 1922, um dia perdido no tempo, mas não na história. Ficou o registro, ficou o marco. Todos que aparecem nas fotografias já morreram. Mas deixaram seu testemunho de luta, de passagem por estas terras tão isoladas de tudo e de todos.*

*Tempos difíceis. Tempos ásperos. Mas também tempos serenos, amenos, onde não havia a pressa neurótica dos dias de hoje.*

*Imagine! Os rios limpos, a Lagoa Mestre d'Armas ainda no seu tamanho original, a flora intocada, a paisagem virgem, a fauna exuberante e visível, um dia de viagem a cavalo para chegar a Santa Luzia, trazendo novidades... A vida sem pressa, mas também sem remédios, sem médicos, sem assistência. Tempos difíceis, tempos bons.*

*Nicolas Behr*



## **Entrevista com os Pioneiros**

Na íntegra, segue o depoimento dos pioneiros Antenor Gomes Soares – o Xoxinho, e Maria da Conceição Macêdo Soares- a Tia Nêna. Entrevista, professora Iassana Rodrigues.

### **Entrevistadora Iassana Rodrigues:**

Brasília tem essa característica maravilhosa da diversidade cultural que reúne não só brasileiros, mas pessoas que vieram de todo lugar do país com essa busca desse sonho, dessa vontade do novo mas também pessoas que vieram de outro país e junto aqui, nós fizemos, eles fizeram e eu digo nós porque eu faço parte da continuidade dos meus pais e meus avós o que é hoje... Eu vou falar com eles aqui, primeiro, de onde é que vocês vieram e como foi que vocês vieram? Conta pra gente um pouquinho aí.

### **Pioneiro Antenor Gomes Soares- “Xoxinho”**

“Quando vim para Brasília, estava completando 14 anos de idade em 1957, vim com meus pais, na esperança de vida melhor. Eu vim da Bahia, do norte daquela região mesmo do sertão da Bahia, com meus pais. Com Meus pais e meus irmãos. Era uma família grande e chegamos no Núcleo Bandeirante, nessa data, quando o Núcleo Bandeirante se chamava Cidade Livre, aonde se reunia todos fins de semana, todos os operários que trabalhavam na Construção Civil de Brasília. Ali era centralizado todo o comércio. E com isso nos firmamos no Núcleo Bandeirante durante um bom tempo como residentes lá. E uma primeira experiência que eu tive no Núcleo Bandeirante, eu ouvia falar muito em Juscelino Kubitschek, o nosso Presidente. Depois que nós estávamos aqui, já uns quatro, cinco meses eu trabalhando no Mercado Diamantina, onde ali era um comércio, onde todo mundo fazia as compras, eu trabalhava numa mercearia e lá tinha aqueles montes de sacos de cereais, e um dia entra ali uns cinco senhores, andando por dentro do mercado, entrava de um lado, ia pra um lado e passou pelo outro, daí a pouco, uma pessoa falou assim: Ele é o Presidente! E ele (Juscelino) chegou, parece até que ele ouviu quando falou, quando passou perto do mercado passou, baixou a mão num saco de feijão, pegou, como se diz assim -É bom! – na maior naturalidade

do mundo, que hoje não se vê um político de nome, um Presidente da República...Então, essa era a vida de Brasília no começo, eles chegavam, cumprimentavam os operários, abraçavam um e outro, não tinha aquele atropelo todo de seguranças atrás. Como um senhor. Como uma pessoa comum. Então isso me encheu assim e eu digo: Rapaz onde eu esperava estar assim servindo o Presidente! O secretário dele já com a lista de compras, comprando um bocado de coisas lá e fui eu que atendi, eu e outro rapaz atendemos. E depois disso ele passou mais umas outras vezes por lá, se tornou coisa até natural, a gente via Juscelino Kubstichek na Cidade Livre, chegava, parava o carro do lado da Avenida Central, e entreva mercado adentro e cumprimentava todo mundo como uma pessoa comum. Então isso me enche muito de orgulho de dizer assim, eu sou um Pioneiro de Brasília, então hoje, Brasília 61 anos, e eu estou com 64 anos em Brasília. Então isso pra mim é uma coisa que me enche muito assim de orgulho, até porque depois desse tempo por outras andanças por aí vim parar em Planaltina e estou cinquenta e poucos anos morando em Planaltina como residente aqui, aqui onde eu criei a minha família, meus filhos, netos e bisnetos estou criando. Amo Planaltina, essa Pedra Fundamental é ponto aqui onde eu vim várias vezes e admiro demais isso aqui. Esse espaço, essa vista, isso tudo aqui pra mim é maravilhoso!”



Fotografia: Renata Soares

### **Entrevistadora Iassana Rodrigues**

Que depoimento lindo. É aquele depoimento de quem realmente viveu, não é aquele que a gente vê nos livros de história, é uma história vivida, é um relato oral e isso é muito importante, e a gente precisa resgatar essas memórias que estão aqui vivas. Dona Maria da Conceição conhecida como Tia Nena aqui pela cidade. Porque ninguém o conhece aqui como Antenor Gomes, é o Xoxinho. Planaltina os conhece como Nena e Xoxinho. Possuem uma tradição na comunidade católica, gostam de frequentar a igreja de São Sebastião, possuem em suas raízes a Festa de São Sebastião como identidade, gostam de um pouso de Folia. Então olha só... Antes de Brasília, Tia também veio da Bahia, mas não veio de trem como ele não, esse conforto como ele veio, não. Diz pra gente como é que foi a sua vinda?

### **Pioneira Maria da Conceição Macêdo Soares**

Não sei a data ao certo porque era ainda criança, mas quando eu cheguei aqui em Brasília, eu vim direto de Barreiras, pois eu sou baiana lá de Barreiras, quando cheguei aqui em Brasília fui pra Cidade Livre, vim de Pau de Arara. O caminhão estava cheio de gente, tinha uma cobertura de lona e de lá de Barreiras pra cá, pra Cidade Livre, nós gastamos dezesseis dias, a estrada tinha um tal que chama Serra da Tijuca, Seu João do Tijuca, que ninguém podia subir dentro do carro, descia todo mundo, aí o carro ia subindo e as pessoas iam atrás botando pedra em baixo pro carro não voltar, e aí quando chegava lá em cima, era pra descer. Então a gente andava não sei quantos quilômetros a pé pra poder subir de novo nesse carro. E chegando em Brasília meus pais já estavam aqui, eles vieram na frente, eu fiquei lá ( em Barreiras) mais minhas irmãs mais velhas e quando chegamos aqui, todo mundo trabalhando, todo mundo querendo arranjar dinheiro e eu era pequena, fui vivendo e ajudando, meu pai era operário, trabalhava na construção civil e eu sempre em casa tomando conta. Aí não tinha aula porque não tinha escola, então eu crescia e ia na escola já estava pra quase com treze anos porque não tinha como estudar a não ser em casa mesmo que os filhos que sabiam mais um pouquinho ensinavam. Aí Brasília pra mim foi muito bom, porque a gente quando veio a situação não estava muito boa então aqui em Brasília a gente arranjou um pezinho de meia pra viver, né. Casei, conheci o Seu Xoxinho, nos casamos, tem cinquenta e três anos que nos casamos, e estamos vivendo. Mas antes de eu vir aqui pra Planaltina eu morei na Vila Amaury, muito tempo lá. Aí as águas iam chegando, foi quando abriu as comportas, né. Aí quando fechou, eu acho, as águas iam subindo e subindo e as cobras começaram a entrar dentro dos barracos, e aí o meu pai até uma vez foi até picado por uma cobra, chegou a calçar o sapato e a cobra tava dentro do sapato. Aí a gente tinha que sair, os carros chegavam e diziam, você quer ir pra Sobradinho ou quer ir pra Taguatinga? Era na hora ali tinha que dar o

nome pra puder botar as coisas que tinha em cima dos carros, das caçambas e vir. Quando a gente veio pra Planaltina, antes pra Sobradinho, foi onde eu conheci (O Xoxinho), nós começamos a namorar e isso foi um namoro de mais de sete anos pra casar.

#### **Entrevistadora Iassana Rodrigues**

Então, sai da Bahia, como um monte de nordestino... saem do Ceará... teve gente que saiu de Minas e que veio pra aqui pra esse encontro, porque Brasília era esse símbolo da esperança, e essa tal Cidade Livre, porque Cidade Livre? Fala um pouquinho pra gente?

#### **Entrevistado Antenor Gomes Soares**

Cidade Livre sabe porquê? Por que era assim, todo mundo que chegava com qualquer coisa para vender, colocava sua banca, vendia sua mercadoria, não tinha fiscalização, não tinha que provar a procedência da mercadoria. Isso porque se tornou Cidade Livre. Os mercados, aqueles que tinham se estabelecidos, também não era exigido nada, por isso chamava Cidade Livre, era livre pro comércio, era livre de tudo. Entendeu? As pessoas podiam chegar com porcos, cabras, carne de sol... muitas vezes chegava ali caminhão com mercadoria que você dizia assim, Rapaz sem a mínima higiene. Ali não era exigido nada. Era Cidade Livre, se chegasse colocasse a sua, comprava quem quisesse, se achasse que não estava muito limpa e não estava muito boa não comprava, outros comprariam. Era assim a Cidade Livre. Toda a mercadoria era vendida sem exigência nenhuma de fiscalização, desde 1956 por aí, quando comércio começou a ficar melhor, no Núcleo Bandeirante (Cidade Livre, depois tornou-se Núcleo Bandeirante, mas era assim, só falava Cidade Livre nos anos cinquenta e tanto. E aí todo mundo vendia, era livre pra todo mundo! Você entendeu!?

#### **Entrevistadora Iassana Rodrigues**

E era uma mistura de gente? Como era o Caminhão chegando?

#### **Entrevistado Antenor Gomes Soares**

Nordestino de todo jeito, chegando! Chegavam caminhões de operários. Todos os operários que chegavam em Brasília, chega eram disputados por empreiteiros para vir para o Plano. Só que chegava muita gente sem ter nenhum documento, muitas pessoas só traziam o Registro de Nascimento ou muitas vezes nem traziam nada, aí tinha a NOVACAP, lá perto onde eram os escritórios de Brasília, próximo da Cidade Livre. Chegava ali, quarenta, cinquenta operário em cima de um caminhão e dali eram recambiado ali pra NOVACAP, faziam os documentos, já saia fichado na obra, saia fichado para o Plano Piloto. Nos anos Cinquenta e

cinco...cinquenta e oito, cinquenta e nove. Até a Inauguração de Brasília. Mas eu gostaria de completar quando ela ( Tia Nêna) estava falando. Nós que estávamos na Cidade Livre e que tivemos a oportunidade de morar na Vila Amaury, essa oportunidade porque o Governo de Brasília criou ruas com melhoramento para pegar aquelas pessoas que estavam morando aproximado da construção sem a mínima condição, porque não tinha água, não tinha luz. Criou-se na Vila Amaury uma condição melhor de vida, mais porque fomos colocados lá na Vila Amaury? Na área do Lago? Porque não teria dificuldade nenhuma depois pra tirar. O Governo pensou em tudo, colocou todos nós lá pra ficar inclusive, era Plano de Juscelino Kubsthesk, no dia 21 de abril, ao inaugurar Brasília, ter o Lago Paranoá pelo menos com 40 ou 50% de água, fechou-se as comportas do lago em 1959, em julho pra agosto de 59. Chovia tanto em Brasília que a água começou a subir desastrosamente, quem morava ali em todo aquele setor do Lago, pra baixo da Vila Planalto, tudo ali foi se alagando, e todos os moradores da Vila Amaury, tivemos que sair as pressas. O quê que o Governo fez? Começou a abrir ruas em Sobradinho, que não tinha ninguém em Sobradinho nesse tempo e lá em Taguatinga, Taguatinga Sul. Os caminhões entravam de filas onde játava desmontando os barracos e tinha lugar que as águas já estavam assim (posicionando até a altura do joelho), o pessoal jogando as coisinhas pra fora e a água subindo. Aí porque ela ( Tia Nêna) falou, pra onde você quer ir? Sobradinho ou Taguatinga? A pessoa já botando a mudança em cima do caminhão, mas não, o caminhoneiro era que seguia. O meu Pai, inclusive falou uma coisa interessante, nessa época o pai dela, nós morávamos perto, aí ele falou assim: se vai pra onde seu Antônio ( o pai do XOxinho), mas meu pai ( o Antônio ) falou assim, eu quero ir pra Sobradinho porque tô voltando pro lado da minha terra. Ele tava voltando pro lado da Bahia. Rs Aí foi assim que ele ( o sogro) também veio morar pra lá. Aí viemos na mesma rua, e os caminhões iam deixando a mudança e nós fomos morar próximo também, em Sobradinho.

#### **Entrevistadora Iassana Rodrigues**

Então, quanta gente saiu de Brasília,, no caso da Vila Amaury e veio para Sobradinho e que hoje encontra-se em Planaltina.

#### **Entrevistado Antenor Gomes Soares**

Muitos, muitos, porque o loteamento em Sobradinho foi muito limitado e o que aconteceu? Eu e ela falamos assim, ao casarmos eu vim comprar uma casa, um lote em Planaltina, eu saí lá de Sobradinho pra vir comprar em Planaltina porque era mais fácil do que comprar lá. Formar residência em Planaltina.

#### **Entrevistadora Iassana Rodrigues**

E a cidade de Planaltina acolheu vocês com todo o coração?

### Entrevistado Antenor Gomes Soares

É uma coisa interessante, Planaltina... eu tinha dificuldade , quando eu pensava, Meu Deus eu fui lá pra Planaltina e é longe pra eu me deslocar pro Plano, pro meu serviço, pra tudo mas, se é lá que eu posso comprar eu vou pra lá com minha família. E o que que aconteceu? O acolhimento, o calor humano em Planaltina é uma coisa fantástica. Planaltina tinha aquele jeito gostoso de interior, de acolhimento. A gente chegava, só vazia amizade. Ela (Tia Nêna) falou comigo, bem nós vamos morar lá, mas assim que você completar o que tiver de dinheiro nós vamos comprar em Sobradinho, pra nós voltarmos. Eu disse, tranquilo, então vamos fazer isso. Passou mais de dois anos e pouco, estávamos morando lá, e já tinha uma casa pra comprar lá pra Sobradinho, estávamos arrumando e ela não quis voltar mais, ela disse, prefiro Planaltina. Me entrosei com essa Festa do Divino, Festa de São Sebastião, coisas todas que são muito tradicionais em Planaltina e que são boas de participar em Planaltina, a gente não esquece isso.

*Professor e Historiador Robson Eleutério*



*Fotografia: Renata Soares*

**Live Brasília 61 anos:  
rumo ao centenário da  
Pedra Fundamental (1922-2022)**

**Dia 21 de abril de 2021, às 16h**

Não aglomere, assista pelas páginas:

Guardiões de Mestre  
d'Armas e  
Robson Eleutério

**E C O  
MUSEU**  
Pedra Fundamental-1922

É importante ressaltar que o Ecomuseu Pedra Fundamental tem em suas ações, o objetivo de valorização Patrimonial, mas é notório que as estratégias construídas pelos seus agentes e parceiros patrimoniais, dentre eles o Grupo Guardiões de Mestre d'Armas, visa

promover o diálogo em torno de práticas educativas, investigativas, culturais e sociais insurgentes.

O evento, Live Brasília 61 anos: rumo ao centenário da Pedra Fundamental é prova de que os interlocutores dessas ações preocupam-se em produzir narrativas outras do cenário tãoconcorrente com as orientações monoculturais que desperdiçam experiências e produzem invisibilidades de personagens na História.

Enquanto Agentes Patrimoniais, propomos aqui, a consolidação de um espaço de reconhecimento da pluriversalidade do mundo, onde as culturas, as identidades sejam afirmadas em seus regimes de conhecimento.

A entrevista com os Pioneiros é uma mostra de que se a Educação têm como ponto de partida as experiências do próprio território de vivência, há então aqui no nosso território local, Ecomuseu Pedra Fundamental, a possibilidade de oferecer alternativas ao chamado do desenvolvimento e à sustentabilidade que tanto almejamos. Essas alternativas que produzem inovações metodológicas e pedagógicas e que inspiram outros projetos de emancipação.

Submersos em uma atmosfera mística e paisagística, a Equipe do Ecomuseu Pedra Fundamental, honrada com a presença em peso dos Guardiões de Mestre d'Armas, do Conselho de Turismo de Planaltina-DF, do Conselho de Cultura de Planaltina e da Gerência de Cultura de Sobradinho, da Associação Pedra Fundamental e por professoras de Planaltina de Goiás, brindam ao som de Aquarela do Brasil, a graça recebida de um evento iluminado.



Os registros desse momento foram valiosamente captados pela lente sensível da fotógrafa

**Renata Soares**  
*Fotografia: Renata Soares*